



A representação dos corpos a partir da criação de ciclos naturais – escritores improváveis

Tatiane Silva Santos*

Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.

Carolina Maria de Jesus

Introdução

Embora existam, em quase todos os meios, discursos para que a literatura ocupe mais espaços na sociedade, há uma contradição em relação ao que acontece na prática: o padrão de textos produzidos, em sua maioria, por homens brancos. A população da América Latina: também feminina, indígena, negra, parda, LGBTQIA+, etc., não cabe nesta especificação, no entanto, os discursos nos levam a normalizar a situação projetada a partir da predominância de escritores e personagens uniformes.

Os leitores, ou melhor, as imagens criadas sobre estes leitores, são parecidas, refletindo a constituição da elite dominante. Questionamos, portanto, onde estão os outros corpos, os corpos de escritores e personagens constituintes da real diversidade existente. Achille Mbembe em seu ensaio *Necropolítica* (2018), a partir do conceito de biopoder explicitado por Foucault sobre os controles sobre a vida e a morte, questiona: “Se considerarmos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou massacrado)? Como eles estão inscritos na ordem de poder?” (Mbembe, 2018, p. 6-7). Trazemos as questões para o campo literário: como os diferentes corpos estão inscritos na literatura? Na busca por respostas, encontramos nos livros a tentativa de apagamento, de construção de uma ordem constituída para privilegiar grupos específicos.

Nos deparamos com divergências quando analisamos a formação de leitores e escritores porque elaboramos, ao longo da história da literatura, um modelo a ser seguido em relação à leitura e à escrita, sustentado por diversos meios de comunicação. E, em nossas falas, quando observamos alunos de escolas

* Tatiane Silva Santos es Profesora de língua espanhola na Universidade do Estado de Mato Grosso e doutoranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

tatisantos@gmail.com

públicas, nos perguntamos - já faz muito tempo-: por que eles não leem ou não escrevem com grande frequência? Antes de responder a questão, além de elaborar novos projetos e repensar as práticas, nos cabe olhar para quem são estes estudantes, a maioria no sistema educacional brasileiro. O professor Dante Lucchesi em seu livro *Língua e sociedades partidas* (2015) nos auxilia com alguns dados:

O Brasil ainda é um dos países de maior concentração de renda do planeta. Segundo Barros et al. (apud Fochezatto, 2011), a renda da parcela de 1% da população mais rica equivale à dos 50% mais pobres da população. No mesmo estudo, os 10% mais ricos se apropriam de mais de 40% da renda nacional, ao passo que os 40% mais pobres se apropriam de menos de 10%. Considerando o Relatório do Desenvolvimento Humano, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em novembro de 2011, o Brasil ocupa apenas a 84ª posição entre 187 países avaliados, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,718, numa escala que vai de 0 a 1;³⁴ ficando bem atrás de outros países da América Latina, como o Chile (com IDH de 0,805, na 44ª posição) e Cuba (0,776, na 51ª posição) (Lucchesi, 2015, p. 140).

Analisando a situação de desigualdade do país, as injustiças advindas da concentração de renda e as representações realizadas no campo literário, temos um grande paradoxo entre os textos que circulam nas escolas e a realidade dos alunos. Entender os processos nos auxilia a pensar em projetos nos quais a literatura também diga algo para esta população, pois os estudantes, lendo também livros de autores de seu meio social, poderão encontrar um caminho para a inserção no universo literário e, na prática, mobilizar a própria voz para realizar as análises dos textos a partir do cotidiano.

Temos uma lacuna entre a realidade do país e os dados apresentados pela professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, na pesquisa *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004* (2005), em relação à representação encontrada no gênero [1]. As informações coletadas e analisadas na pesquisa são fundamentais para esta discussão, pois pensar sobre o ensino de literatura a partir de uma perspectiva pela qual há a seleção de corpos específicos a serem representados, exclui a maioria: “Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo” (Dalcastagnè, 2005, p. 33). Tal perfil não constitui a nossa diversidade, além de apontar para um espaço geográfico muito bem marcado, restrito, contrastante com a dimensão do país, com vinte e seis estados.

De tal modo, torna-se importante indagar: qual representação é entregue ao o leitor amazonense, paraense, mato-grossense? Provavelmente, não são imagens parecidas com os cenários ou pessoas com as quais eles convivem em seu cotidiano. A localização geográfica bem delimitada dos escritores com maior visibilidade é mais um critério de exclusão, dentre tantos outros.

Nos vale questionar o que é considerado cultura, qual a concepção de literatura em cada época e a relação entre estas ideias com os textos/autores excluídos. Para esta investigação, escolhemos notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo [2], para entender como são construídos os discursos que determinam a seleção de obras e de autores na sociedade brasileira. O título da matéria central para nossa análise é *Notoriedade cria situação difícil para marginalizados* [3], de 26 setembro de 1987. Ressaltamos o ano da publicação da notícia, muito anterior às diversas publicações *online* no país, fazendo com que o veículo, jornal, tenha um peso ainda maior para o tipo de representação realizada.

O texto foi veiculado dez anos depois da morte de Carolina Maria de Jesus, escritora também citada na notícia. Carolina ficou conhecida pela publicação de *Quarto de despejo* (1960), além de outros livros como *Casa de Alvenaria – Diário de uma ex-favelada* (1961) *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963), além de suas obras póstumas como *Diário de Bitita* (1986), *Onde estaes felicidade* (2014), dentre outras.

A *notoriedade*, geralmente relacionada a feitos positivos, passa a ser relacionada à *situação difícil*, descrita no título da reportagem, e a todo momento encontramos, nas construções realizadas na página, relações estabelecidas entre os discursos para formar concepções discriminatórias sobre a combinação entre a escrita e autores vindos das classes menos favorecidas. Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008, p. 19) evidencia este modo de constituição discursiva: “O discurso não é nem um sistema de ‘ideias’, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação”.

Há uma relação denominada pelo autor de *interdiscurso*, um “espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008, p. 20) para atingir determinados objetivos. No caso dos textos literários no país, diversas ideias da extrema direita em circulação transformam-se em uniformidade e encadeiam atitudes de proibições. Tivemos, recentemente, livros retirados das bibliotecas escolares por abordarem temas considerados polêmicos, como suicídio, educação sexual, dentre outros.

Necessitamos listar as relações construídas para compreender os fatos: a exclusão, os preconceitos, etc., que compõem o nosso quadro literário. Na tentativa de mudança, temos os movimentos populares que buscam colocar em evidencia os motivos das diversas exclusões e fomentar a leitura de diferentes autores, assim como a produção escrita da população marginalizada, como forma de resistência. E, nos mais de trinta anos que nos separam da notícia citada, apesar das lutas, as mudanças foram mínimas, pois

há um desejo de manutenção do *status* segregador no sistema liberalista. Neste contexto, valor da vida é diferente e bem marcado, segundo aponta Walter Mignolo em *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política* (2008):

Infelizmente, nem todos os assassinatos massivos foram registrados com o mesmo valor e a mesma visibilidade. Os critérios não mencionados para o valor das vidas humanas são um óbvio sinal (de uma interpretação descolonial) de política escondida de identidade imperial: quer dizer, o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não têm opção intelectual e poder institucional para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas: ou seja, de acordo com uma classificação racista (Mignolo, 2008, p. 294).

Poderemos notar, ao longo da descrição da morte/fracasso dos autores na página selecionada, a naturalização dos fatos. Escrever um livro não seria o esperado, a morte sim.

A escrita e sua conexão com algumas realidades

Para assinalar a divisão cultural imposta e a separação de alguns corpos em relação à escrita, analisaremos a composição de uma página do Caderno *Cidades*, do jornal *Folha de São Paulo*. Nela, encontramos as histórias de algumas pessoas vindas de uma classe social baixa que, apesar dos inúmeros problemas enfrentados, conseguem realizar a publicação de um livro, entretanto, a trajetória destes indivíduos os levam conseqüentemente ao fracasso. É interessante observar o modo como está disposta a organização textual da página do caderno, conforme a ordem dos títulos publicados em sequência na mesma página, em 26 de setembro de 1987, página A11, com os títulos listados abaixo:

1. “Função” integra uma nova tribo urbana em São Paulo.
Adolescente de periferia, com baixo salário e pouca escolaridade, o “função” tem gíria própria e quer vestir roupas de grife a qualquer custo.

2. Collen, ex-garoto da Febem, lança biografia.

3. Notoriedade cria situação difícil para marginalizados.

As três reportagens formam um círculo: na primeira notícia temos a representação da necessidade de mudar a realidade a qualquer custo. Nas duas últimas reportagens, o fato de escreverem o livro tira estas pessoas do lugar em que se encontravam, mas elas não encontram espaço em outra classe, condição que sempre almejam, conforme os relatos do jornal. Conseqüentemente, elas retornam para o lugar de onde vieram e terminam na mesma situação ou em situação pior, quando são relatados os casos de suicídio, sumiço ou assassinato.

Podemos traçar um percurso relacionado à ordem como aparecem os textos: a primeira reportagem, “*Função*” *integra uma nova tribo urbana em São Paulo* (1987), mostra jovens de classe baixa que gostam de roupas caras, com o intuito de terem objetos que não são condizentes a sua classe social. A notícia trata, de uma maneira generalizadora, do modo de vida dos adolescentes que desejam vestir-se como as pessoas de classe alta e, para conseguirem seu objetivo, fazem adaptações nas suas roupas e realizam pequenos furtos. O nome da pessoa pertencente ao grupo descrito é *função*. Como a acepção da palavra não está no dicionário com este significado específico, o repórter faz uma reorganização:

Em seu famoso dicionário, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira registra noventa usos para a palavra “função”. Caso esse lexicólogo circulasse pelo centro de São Paulo, poderia, com um pouco de observação, somar mais um: “função”. Esta é a forma pela qual se autodenomina uma “tribo” urbana, composta por adolescentes de periferia, principalmente da zona leste, com gíria e figurino próprios. Andam em grupos, a maioria tem apenas o curso primário.

O nome do grupo necessita se encaixar no espaço letrado, assim como o universo destes meninos, que desejam as roupas de marca as quais não tem acesso em seu cotidiano. Destacamos a palavra “famoso” relacionada ao dicionário e à distância marcada entre o universo das letras e estes garotos descrita na frase: “Caso esse lexicólogo circulasse pelo centro de São Paulo” (linha 2), marcando a distância entre o mundo das letras e o mundo desses jovens. A tentativa de adaptá-los a um espaço a que não pertencem é colocando a sua descrição no dicionário, um instrumento que, segundo a notícia, não faz parte do mundo destes adolescentes.

Na notícia, temos o dicionário como ferramenta para a organização da língua, que nos remete ao processo de gramatização inicial, descrito por Aurox em *A revolução tecnológica da gramatização* (1992): “Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (Aurox, 1992, p. 65). Na construção textual, para o entendimento sobre as características desta *tribo* da cidade, há também o movimento para a sua instrumentalização, ter um dicionário seria uma forma de existir, de legitimar-se frente à sociedade.

A próxima descrição realiza a separação entre as letras (jornais), generalizadora com relação ao grupo e a utilização da estrutura adversativa na frase; a incoerência entre o fato de estarem afastados do mundo das letras e o fato de que podem estar no lugar de crítica ao governo:

Não gostam de jornais, mas criticam as autoridades “que não fazem nada, só gastam o dinheiro do povo em corrupção e obras inúteis”, segundo Denisvaldo Pereira, 20.

O fato de não lerem os jornais coloca estes meninos em situação não de poder opinar sobre as autoridades. A distância marcada em relação ao universo das letras não permite a participação política. Além disso, a reportagem menciona um dado relevante sobre os hábitos de leitura dos garotos:

Cinema e leitura são ignorados, só filmes pornográficos, de aventura ou “gibis” de vez em quando.

Estes adolescentes são separados totalmente da classe letrada e seus interesses estariam concentrados nos bens materiais, principalmente nas roupas de marca, que a classe média poderia lhes proporcionar. Ao final, o vocabulário usado pelo grupo é inserido no dicionário, mais uma tentativa de inserir os jovens nesta comunidade letrada, de adaptá-los às regras:

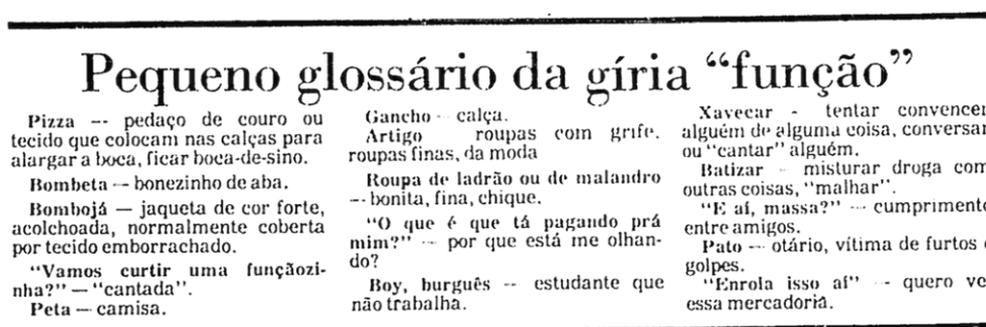


Figura 1 - Trecho do Jornal Folha de São Paulo publicado em 26 de setembro de 1987. Caderno Cidades, pág. A 11.

O vocabulário disperso, referente ao mundo destes jovens, é ordenado para figurar as páginas do dicionário. Ángel Rama em *A cidade das letras* (2015), nos fala sobre estes processos que trazem uma variedade aceitável, dentro dos padrões nos quais a letra controla o poder na conformação das cidades:

Esses exemplos sustentam a comprovação de que a *cidade letrada* não somente defende a *norma* metropolitana da língua que utiliza (espanhol ou português) como também a *norma* cultural nas metrópoles que produzem as literaturas admiradas nas zonas marginais. Ambas as normas radicam na *escritura*, que não só determina a *high variety* nos sistemas diglósicos como engloba todo o universo aceitável da expressão linguística, em visível contradição com o habitual funcionamento da língua em comunidades majoritariamente agráficas (Rama, 2015, p. 45).

Há, no caso da notícia, a pontuação direta do afastamento entre os jovens e a leitura. Logo, a reportagem tenta organizar este universo de forma óbvia para a comunidade letrada: colocar suas palavras em um dicionário.

Na segunda matéria *Collen, ex-garoto da Febem, lança biografia* (1987), temos a notícia do lançamento do livro *Mais que a Realidade*, escrito pelo ex-interno da Febem Paulo Collen. Destacamos na notícia o trecho abaixo, onde há a marcação do erro do colega escritor:

[...] “Quero é estudar, alugar um quarto e ter um emprego. Não é porque eu escrevi o meu livrinho que eu vou poder ficar babando, achando que eu sou escritor e tudo bem”. Para Collen, Fernando Ramos da Silva, *O Pixote*, “marcou” por não ter percebido a fragilidade do sucesso. “Ele achou que porque fez um filme, ficou famoso, não tinha que batalhar por mais nada. *O Pixote* não estava preparado para aquilo”.

Na própria fala do garoto, há clareza na divisão entre o mundo do estudo, trabalho e emprego e o mundo de sua escrita. Destacamos também o uso do diminutivo ao referir-se a sua produção: *livrinho*, um diminutivo relacionado ao seu trabalho, vocábulo prenunciador de sua carreira literária. Em sua fala sobre o colega, *Pixote*, ele tenta afastar-se e entende que a culpa pelo fracasso seria do próprio indivíduo que não soube como agir corretamente após a sua fama; a fórmula para obter resultados diferentes parece ser muito simples.

Nos interessa aqui o espaço ocupado pela notícia, ela está no meio de outras duas, entre a tentativa inicial de jovens tentarem se encaixar em mundos que não lhes pertencem e o resultado das publicações de pessoas que, segundo o jornal, tiveram uma trajetória conturbada com um final ruim, sempre; um final afastado do mundo das letras, um final de retorno às armas, ao crime, ao lixo: o extremo oposto ao universo das letras a que se atreveram a entrar. Yuval Noah Harari em *Sapiens: uma breve história da humanidade* (2019) descreve este movimento de tentativa de adaptação impossível, desenvolvida em nossa sociedade:

A busca de uma vida mais fácil resultou em muitas dificuldades, e não pela última vez. Acontece conosco hoje. Quantos jovens universitários recém-formados aceitam empregos exigentes em empresas importantes, prometendo que darão duro para ganhar dinheiro que lhes permitirá se aposentarem e irem atrás de seus verdadeiros interesses quando chegarem aos 35? Mas, quando chegam a essa idade, eles têm grandes hipotecas para quitar, filhos para educar, casas em zonas residenciais que necessitam pelo menos de dois carros por família e uma sensação de que a vida não vale a pena sem um bom vinho e férias caras no exterior. O que se espera que façam, voltem a arrancar raízes? Não, eles redobram seus esforços e continuam se escravizando (Harari, 2019, p. 97).

A mesma lógica é seguida no discurso veiculado pela notícia: se você seguir os passos determinados, terá a possibilidade de um final diferente, então, como aponta Harari, se enreda cada vez mais em uma teia. No caso da notícia da *Folha de São Paulo*, não é necessário esperar muito para verificar os resultados: é só olhar a próxima reportagem para comprovar.

A terceira notícia, *Notoriedade cria situação difícil para marginalizados* (1987), relata a derrota de alguns autores. Não há uma narrativa de sucesso advinda desta classe social, não há espaço para que Paulo Collen encontre um modelo, uma esperança: ele tem, na mesma página da notícia sobre a publicação do seu livro, o resultado provável de sua empreitada.

A separação entre a norma culta da língua e certa camada da sociedade vai modificar a produção literária no país. O motivo desta cisão é apontado no texto *Para uma crítica da economia linguística: o apagamento da ontologia social da língua e do sujeito-falante a partir de Locke* (2012), de Carla Macedo Martins:

Este processo se encaminha em duas direções: de um lado, observa-se o apagamento ideológico da relação entre esta concepção de língua e as novas formas de sociabilidade do capitalismo nascente; de outro lado, identifica-se e controla-se o uso da língua (e do sujeito-falante) nas esferas públicas e científicas. A “língua” se afirma como um elemento de legitimação da política e da sociedade de classes, tornando-se um componente ideológico e instrumental na produção da sociabilidade burguesa (Martins, 2012, p. 24).

A “situação difícil” criada para os marginalizados é relacionada à palavra notoriedade e não a todo o processo de exclusão a que estão submetidos. A situação está relacionada ao uso da língua e seu controle. Outra palavra importante está relacionada no trecho seguinte:

Quatro pessoas pobres, marginalizadas, que não se conheceram, tiveram tipos de vida distintas, mas estão ligadas por detalhes.

Todos os fortes acontecimentos relatados na notícia são tratados como detalhes para o desfecho do verdadeiro destaque; os insucessos referentes à continuidade da produção literária, situação diretamente relacionada às condições financeiras de cada uma dessas pessoas.

Na reportagem, abaixo da foto de cada escritor, temos uma pequena descrição sobre as histórias de ascensão e de queda. A análise que precede as histórias relatadas é válida para todos, eles são colocados no mesmo patamar para análise, não existe singularidade, como podemos observar no subtítulo antes da narrativa sobre cada autor:

Edmilson não conseguiu uma vida equilibrada.
Sandra Herzer não viu seu livro ser lançado.
Na “Boca do Lixo” Hiroito era um rei.
Favelada, Carolina foi uma escritora de sucesso.

Edmilson escreveu o livro *Matar ou morrer* (1977); Anderson Herzer, na notícia com o nome oficial de Sandra Herzer *A queda para o alto* (1982); Hiroito de Moraes *Boca do Lixo* (1977) e Carolina Maria de Jesus *Quarto de despejo* (1960). Edmilson é internado em uma clínica após voltar a usar drogas, Anderson se suicida, Hiroito some após ser preso várias vezes e Carolina morre esquecida: estes são os *detalhes* descritos pela reportagem da Folha. Para auxiliar a compreensão destes resultados após a escrita, um psicanalista e um advogado dão a resposta para a trajetória dos escritores:

O que impediu essas pessoas se manterem na nova escola social pela qual lutaram? A sociedade precisa fabricar periodicamente um herói-lúmpen (da camada social mais carente e marginal), diz o psicanalista Fábio Herman, 43, presidente da Federação de Psicanálise da América Latina. Segundo o advogado e ex-secretário da Justiça, José Carlos Dias, 48, a sociedade que declara serem as oportunidades “iguais para todos” precisa mostrar à massa que “pessoas iguais” conseguiram “subir na vida”.

As análises desconsideram a qualidade das obras literárias dos autores, mas justificam a ascensão de todos eles como uma necessidade social de se ter um herói atrelado à ideia de mudança social, o que os entrevistados já apontam não ser possível devido ao determinismo implicado na formatação das notícias; as configurações já estão prontas há anos, afinal, a sociedade onde encontramos a escrita é diferente da sociedade onde vivem os escritores e, as imagens construídas, levam a uma naturalidade nas falas.

A palavra *lúmpen* vem do termo marxista *lumpemproletariado*, relacionado às classes mais pobres e que não têm consciência do que acontece ao seu redor, no entanto, uma das divisões relacionada ao lugar ocupado pelos autores, embora eles tenham a consciência da posição que ocupam, até mesmo pela própria produção literária, está relacionada com os valores da língua, das normas utilizadas por eles, assunto não discutido na notícia. O pesquisador Dante Lucchesi (2015) aponta tal divisão na própria língua portuguesa:

Em seu sentido mais básico, a expressão “norma linguística” remete a uma forma de um grupo usar a língua dentro de uma comunidade linguística. Nesse sentido, a norma cultura designa como as pessoas consideradas “cultas” usam a língua a *norma literária* traduz o uso linguístico dos poetas e escritores, assim como a *norma popular* remete ao uso pelas pessoas do povo, fora do universo do letramento e do saber formal. Na tradição gramatical, o termo “norma” adquiriu o sentido prescritivo de *regra a ser seguida*, baseada em uma forma codificada de língua que é imposta à coletividade. Em sentido contrário, a Linguística moderna propugnou por uma *norma objetiva*, que poderia ser apreendida pela descrição do uso concreto da língua. Porém, tanto a tradição normativa quanto os linguistas estruturalistas enredaram-se na tensão entre *uso* e *prescrição* (Lucchesi, 2015, p. 46).

A *norma literária* está relacionada à divisão entre o culto e o popular, pois a norma culta é o objetivo no tipo de expressão dita literária. Portanto, a literatura produzida por pessoas que dominam a norma popular, como é o caso dos autores da notícia analisada, faz com que eles sejam excluídos deste universo, pelo tipo de tensão que a sua produção causa. Na descrição abaixo, *Edmilson não conseguiu uma vida equilibrada*, somente através do título podemos perceber a culpa por todos os fracassos relacionada ao próprio sujeito:

Edmilson não conseguiu uma vida equilibrada

“Matar ou Morrer” é o título de um livro lançado em 1977 contando a vida de Edmilson Lucas da Silva, um menor abandonado que havia, anos antes, participado do episódio Camanducaia, um dos casos policiais mais famosos da década de 70. Policiais lotaram um ônibus em São Paulo com menores delinquentes e os abandonaram, nus ou seminus, na cidade mineira de Camanducaia. No livro Edmilson (nascido em 57) lembrava a história e sua passagem pela Febem, onde conheceu a psicóloga Tova Cohn. Os dois se apaixonaram e Tova se empenhou para que ele deixasse a fundação. Após o lançamento do livro, Edmilson arrumou emprego e passou a conviver com a classe média e seus valores, sem obter remuneração suficiente. Decidiu então procurar seus ex-companheiros da Febem. A volta à criminalidade e às drogas transformou sua vida com Tova e com a filha de ambos, Paula. No dia 7 de outubro de 1982, tentando livrá-lo das drogas e da polícia, ela resolveu interná-lo em uma clínica.

Na descrição realizada na reportagem nos chama a atenção o fato da notícia citar a classe média e seus valores (linha 9), colocando um abismo entre a vida de Edmilson, submetido a uma ação policial extremamente complexa, e a inexistência da descrição dos valores da classe média. Na próxima notícia, sobre o escritor Anderson Herzer, há também a dificuldade na aceitação do corpo:

Sandra Herzer não viu seu livro ser lançado

Bigode morreu jovem, aos 18 anos, dois meses antes dos lançamentos de seu livro, “A queda para o Alto”, hoje na 16ª edição. Bigode era o apelido de Herzer, que nasceu Sandra Mara em 62, em Rolândia (PR). Seu pai foi morto aos 34 anos e sua mãe a abandonou em seguida. Recolhida por parentes, foi morar em São Paulo. Aos 14 anos, internada na Febem, descobriu sua inclinação pelas meninas. Na falta de bebida alcoólica, ingeria o conteúdo de desodorantes. Em uma das fugas, descobriu a droga. Assumiu um papel masculino e passou a defender as internas. Pouco antes de completar 18 anos, conheceu o deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, que assumiu, perante o Juizado de Menores, a responsabilidade pelos seus atos. Começou a trabalhar no gabinete do deputado e, com o nome de Anderson, escreveu o livro que foi lançado em 1982. Sem emprego, tomou uma dose excessiva de optalidon, atirou-se de um viaduto sobre a av. 23 de Maio e morreu no dia seguinte, 9 de agosto de 1982.

Apesar de aparecer na notícia o apelido e nome social, Sandra Herzer, é o nome que figura no título, escolha lexical que traz algum desconforto sobre o percurso do nome: o feminino, Sandra Herzer; o apelido, Bigode; o nome de batismo, Sandra Mara; até chegar ao último, Anderson, masculino. Também podemos perceber a dificuldade de descrição na frase *sua inclinação para meninas* (linha 6), algo que

sugere a sua sexualidade, colocando-a em um entre-lugar; como no início da frase *Assumiu um papel masculino* (linha 7). A consequência do alcoolismo o leva ao final trágico, o suicídio.

O terceiro escritor descrito tem o nome de um rei, mas o seu espaço aparece muito bem marcado: ele era rei “na boca do lixo”, e o texto relata a sua incapacidade de dedicar-se à literatura:

Na “Boca do Lixo” Hiroito era um “rei”

Com o nome de um imperador, Hiroito de Moraes Joanides ostentou durante anos o título de “rei da Boca do Lixo”, a zona do meretrício da capital paulista, no quadrilátero formado pela rua Santa Ifigênia e avenidas Duque de Caxias, São João e Ipiranga. Nascido em Morretes, no Paraná, em 1936, seu nome foi uma homenagem de seu pai ao imperador do Japão. O filho tentou, sem êxito, várias profissões na capital paulista, para onde veio em 51. Aos 21 anos, quando já frequentava a Boca, foi acusado de matar o pai. Caiu no submundo para fugir à acusação, da qual só se livraria dois anos depois. No final dos anos 50 era um dos maiores exploradores de lenocínio e do tráfico de drogas, preso várias vezes. Em 77, voltou às páginas dos jornais como autor do livro “Boca do Lixo”, que descrevia seus tempos de “rei” e criticava o sistema penitenciário. Disse que se dedicaria à literatura, mas foi preso novamente em 80 e 82. Em 86, trabalhou na campanha do deputado Samir Anchôa (PMDB). Depois, sumiu.

O reinado no lixo é incompatível com a atividade literária, as prisões o levam a um desaparecimento relatado de forma abrupta na última frase do texto *Depois, sumiu* (linha 12). Uma consequência, como todas as outras, frente às realidades, que parecem ser desenhadas pelos próprios escritores e não por um sistema econômico que os tira quaisquer direitos.

Carolina Maria de Jesus

A obra *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, relacionada na última descrição da notícia *Notoriedade cria situação difícil para marginalizados* (1987), é um famoso diário sobre a vida na favela do Canindé, na cidade de São Paulo da década de 50. A escrita é parte do cotidiano de uma mulher negra, leitora e escritora que vive com muitas dificuldades para sustentar sozinha seus filhos. A publicação do livro foi realizada pelo jornalista Audálio Dantas, que conheceu Carolina em uma reportagem que fazia no local. A obra teve grande impacto na ocasião; foi sucesso de vendas e traduzida para vários idiomas até cair no esquecimento e, recentemente, através de trabalhos que buscam recuperar as análises sobre a literatura desta escritora, circula novamente em vários meios.

Os estudos sobre a autora, entretanto, foram interrompidos por anos, pois esteve circundado por marcações discursivas como a realizada pela *Folha de São Paulo* em 1987. Abaixo da foto da autora encontram-se os seguintes dizeres:

Favelada, Carolina foi uma escritora de sucesso

Conta a lenda que foi na cata do lixo que a favelada Carolina Maria de Jesus encontrou quatro cadernos, que resolveu transformar em diários. Em 1995, Carolina, uma mineira negra de 40 anos, três filhos de pais diferentes, morava num dos trezentos barracos da favela do Canindé, uma das doze existentes na época em São Paulo. Em 57, ao fazer uma reportagem na favela, o jornalista Audálio Dantas entrevistou Carolina e descobriu os diários. Em 1960, o livro “Quarto de Despejo” era lançado em São Paulo, vendendo dez mil exemplares em uma semana e sendo traduzido para treze línguas.

A favelada trocou os 13m² do barraco onde vivia por uma casa de alvenaria em Santana. Em 64, com a renda dos direitos autorais escasseando, Carolina vendeu a casa de Santana, mudando-se para um sítio em Parelheiros, zona sul. Escreveu mais dois livros (“Casa de Alvenaria” e “Provérbios”), fracassos editoriais, esquecida, foi vista catando lixo na antiga rodoviária de São Paulo. Carolina morreu pobre em 77.

Dez anos após a morte da escritora, temos o discurso que continua com a construção de uma imagem que a afasta de sua produção literária. O início da descrição de sua história: “*conta a lenda*” já nos remete a algo distante da realidade, ao mito e à imaginação. A história da escritora é vista como possivelmente inexistente, pois não pode haver conexão direta entre alguém que vive em condições precárias, os cadernos encontrados no lixo e a escrita de um livro.

No parágrafo seguinte, mesmo após vender dez mil exemplares de seu livro, o adjetivo que a caracteriza é *favelada* (linha 9) e não *escritora*. Neste texto, constatamos a impossibilidade de alguém da classe popular poder também compartilhar as vivências do mundo literário. Carolina vai para uma casa melhor, contudo, o processo desenvolvido, que envolveu a publicação de sua obra, a faz ser esquecida e, por este motivo, ela precisa mudar-se para uma casa mais simples, retornar ao seu mundo. Nas linhas da história, recontada em 1987, o nome da autora é relacionado a uma lenda, ao mito de uma escritora pobre e moradora da favela do Canindé; realidades distantes separariam a autora de sua produção.

E falar do cotidiano de Carolina é relatar as condições da população negra brasileira em um contexto de dificuldades constantes, mesmo após o reconhecimento literário, que a coloca diretamente em contradição com o conceito de democracia racial, descrito por Lélia Gonzales em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984, p. 224): “Ou seja, que foi que ocorreu, para que o mito da democracia racial tenha tido tanta aceitação e divulgação? Quais foram os processos que teriam determinado sua construção? Que é que ele oculta, para além do que mostra? Como a mulher negra é situada no seu discurso?” (Gonzales, 1984, p. 224).

Em *Quarto de despejo* (2014), Carolina demonstra saber exatamente o lugar em que ocupa na sociedade. No entanto, para o jornal, é necessário ocultar este fato, para que outros continuem a representando. Não há democracia quando a autora não é reconhecida, tendo o seu fracasso financeiro mais relevância

que a sua produção literária. Na realidade, a escrita não poderia ser seu instrumento nesta lógica, como afirma Michel de Certeau (1994):

A escritura adquire um direito sobre a história, em vista de corrigi-la, domesticá-la ou educá-la. Ela se torna poder nas mãos de uma “burguesia” que coloca a instrumentalidade da letra no lugar do privilégio de nascimento, ligado à hipótese de que o mundo dado é razão. Faz-se ciência e política, com a certeza, logo transformada em postulado “esclarecido” ou revolucionário, de que a teoria deve transformar a natureza inscrevendo-se nela (Certeau, 1994, p. 236).

A página do caderno *Cidades* domestica a atividade literária: ela só pode ocorrer mediante a muitas condições. O privilégio de nascimento não foi o caso de nenhum dos autores descritos; mesmo quando são exceção e permeiam o mundo das letras, são rapidamente devolvidos a seus lugares de origem pelo próprio discurso que os circunda.

O mito da democracia auxiliou na divulgação de discursos excludentes; a distância entre a realidade cercada de pobreza, de violência não pode ser – produtora de conhecimentos, da representação da realidade brasileira. Os *interdiscursos* estão impregnados de mitos democráticos, mas, ao final, o resultado que temos é o de exclusão, em todos os sentidos.

Considerações Finais

O nosso intuito, ao longo destas linhas, foi constituir uma ideia de literatura a partir da configuração de discursos projetados para manter as diferenças sociais. A projeção destas mensagens são importantes para escolher quem está no poder e quem pode falar em nossa sociedade; a construção de estereótipos afasta a população do meio literário a partir das imagens divulgadas, sendo assim, parte significativa da população entende que seu lugar está fora do texto, tanto em relação à escrita, como para realizar a leitura das obras literárias.

Nas três notícias analisadas, percebemos traços do controle destes sujeitos e uma perspectiva que traça os destinos para fora da produção escrita. O autor Paulo Collen, prestes a publicar o seu livro, encontra-se literalmente no meio de textos que o separam da realidade de ter uma carreira promissora, pois embora esteja começando a trilhar o caminho da escrita, já sabemos de antemão o seu final: a mesma situação em que começou, segundo a linha traçada pelo jornal; mesmo que o livro lhe traga algum sucesso momentâneo, a queda é iminente.

Nosso estudo busca entender os processos relativos aos discursos produzidos sobre autores periféricos para buscar um lugar de mudança a partir da compreensão da história de nossa produção literária, conforme assinala a professora Regina Dalcastagnè (2008):

Embora a autora esteja se referindo à representação política, a discussão pode ser estendida, sem contorcionismos, à representação literária. Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende também à personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há, mas com uma notável limitação de perspectiva (Dalcastagnè, 2008, p. 79).

Notas

[1] Pesquisa realizada a partir da representação em romances brasileiros, publicados no período entre 1990 a 2004, em três grandes editoras.

[2] Jornal de grande circulação no Brasil.

[3] Barros, Ruth. *'Função' integra mais uma tribo urbana em São Paulo*. Da reportagem local: *Notoriedade cria situação difícil para marginalizados*. Da reportagem local: *Collen, ex garoto da Febem, lança biografia*. Folha de S. Paulo, 26 de setembro de 1987. Caderno Cidades, pág. A 11. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=10002&anchor=4302267&origem=busca&pd=2759bafcd8c88c15702f0e3ab13a0b96e> acesso: fevereiro 2020.

Bibliografia

Auroux, Sylvain (1992): *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi.

Certeau, Michel de (1994): *A invenção do Cotidiano - Artes de fazer*. Petrópolis, Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves.

Dalcastagnè, Regina (2004): *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990- 2004*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26, Brasília, pp. 13-71.

----- (Org.). (2008): *Ver e imaginar o outro – alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo, Horizonte.

Gonzales, Lélia (1984): "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, pp. 223-244.

Harari, Yuval Noah (2019): *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, L&PM. Tradução de Janaína Marcoantonio.

Lucchesi, Dante (2015): *Língua e sociedade partidas. A polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo, Contexto.

Maingueneau, Dominique (2008): *Gênese dos discursos*. São Paulo, Parábola Editorial. Tradução de Sírio Possenti.

Martins, Carla Macedo (2012): "Para uma crítica da economia linguística: o apagamento da ontologia social da língua e do sujeito-falante a partir de Locke". *Ling. (dis)curso* [online]. vol.12, n.2, pp.595-621. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-76322012000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso: fevereiro 2020.

Mbembe, Achille (2018): *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo, N-1 Edições. Tradução de Renata Santini.

Mignolo, Walter D. (2008): "Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política". *Revista Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, nº 34, pp. 287 – 324.

Rama, Ángel (2015): *A cidade das letras*. São Paulo, Boitempo. Tradução de Emir Sader.